

Uma escrita-mulher que goza do equívoco¹

Fabiana Rodrigues Barbosa e Ivan Estevão

Resumo

O objetivo deste escrito é uma discussão da política da leitura e da escrita em psicanálise. Para tanto, comentamos literaturas que se posicionam criticamente à sua própria escrita e desdobram em ato sua arte. A literatura que transcende muros e subordinações convoca o leitor a se implicar com o que passa do Isso pelo escrito. Ora, se “a realidade é abordada com os aparelhos de gozo” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 127) e se a linguagem é um aparelho de gozo, arriscamos inferir que a linguagem poética é aparelho de gozo não todo.² Mas o que seria linguagem poética? Qual a função de abordar a realidade com esse aparelho? Se gozar não todamente implica evocar o grande Outro barrado, consentir com o impossível de se dizer todo, essa experiência de falha ou perda, articulada à mulher, leva a uma lógica de linguagem poética e furada, propositalmente ou não, que se borda a partir do traquejo com o Real. Se Lacan convoca cada psicanalista a reinventar a psicanálise tendo em conta o Real, a inconsistência e a feminilidade, não sem os seus outros; concluímos este trabalho evocando uma leitura-escrita, não toda mulher, que goza do equívoco.

Palavras-chave:

Gozo não todo fálico; Mulher; Equívoco; Literatura; Escrita.

A woman-writing in equivocal's jouissance

Abstract

The aim of this paper is to discuss the politics of reading and writing in psychoanalysis. Therefore, we comment on literatures which criticize their own writing and unfold their art in act. Literature that transcends walls and subordinations invites the

1 O presente artigo resume parte do terceiro capítulo da dissertação de mestrado intitulada *Há mulher, não hesite: o impossível escorre em Água viva – não toda clínica, teoria e transmissão da psicanálise lacaniana*, defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Ipusp) em 30 de junho de 2023 e realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

2 A escolha pela grafia *nãotodo*, com as duas palavras unidas, representa nosso entendimento sobre essa posição ou modalidade de gozo, em que todo fálico e *nãotodo* fálico são intimamente articulados.

reader to get involved with what passes from the *Id* through the writing. Well, if “reality is approached with apparatuses of jouissance” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 127), and if language is an apparatus of jouissance, we take the risk to infer that poetic language is not all gadget of jouissance. But what would be poetic language? What is the function of approaching reality with this device? If not all jouissance implies evoking the great Other barred, consenting to the impossibility of saying everything; this experience of failure or loss, articulated to the woman, leads to a logic of poetic and holed language, intentionally or not, that borders on the experience with the Real. Just as Lacan call up each psychoanalyst to reinvent psychoanalysis taking the Real in count, inconsistency and femininity, not without their others; we conclude this work evoking a not all reading-writing, not all woman, in equivocal’s jouissance.

Keywords:

Not all phallic jouissance; Woman; Equivocal; Literature; Writing.

Una escritura-mujer en goce de lo equívoco

Resumen

El objetivo de este trabajo es discutir las políticas de lectura y escritura en psicoanálisis. Para eso comentamos literaturas críticas de su propia escritura, que despliega su arte en un acto. La literatura que trasciende muros y subordinaciones invita al lector a involucrarse con lo que pasa del *Id* a la escritura. Ahora bien, si “la realidad se aborda con aparatos de goce” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 127), y si el lenguaje es un aparato de goce, corremos el riesgo de inferir que el lenguaje poético es un aparato de goce notado. Pero, ¿qué sería el lenguaje poético? ¿Cuál es la función de acercarse a la realidad con este dispositivo? Si gozar notado implica evocar al gran Otro barrado, consentir en lo imposible de decirlo todo; esta experiencia de fracaso o pérdida, articulada a la mujer, conduce a una lógica de lenguaje poético y perforado, intencionadamente o no, que bordea la experiencia con lo Real. Si Lacan convoca a cada psicoanalista a reinventar el psicoanálisis teniendo en cuenta lo Real, la inconsistencia y la feminidad, no sin sus otros; concluimos este trabajo evocando una lectura-escritura, notada mujer, en goce de lo equívoco.

Palabras clave:

Goce notado fálico; Mujer; Equívoco; Literatura; Escritura.

Une femme-écriture dans la jouissance du malentendu

Résumé

Le but de cet article est de discuter de la politique de la lecture et de l'écriture en psychanalyse. Pour cela, nous commentons une littérature critique de sa propre écriture, qui déploie son art en acte. La littérature qui transcende les murs et les subordinations invite le lecteur à s'immiscer dans ce qui passe du Ça à travers l'écriture. Si « la réalité est abordée avec des appareils de jouissance » (Lacan, 1972-1973/2010, p. 127), et si le langage est un appareil de jouissance, on risque d'en déduire que le langage poétique est un appareil de jouissance pastout. Mais que serait le langage poétique? A quoi sert d'approcher la réalité avec cet appareil? Si jouir de ne pastout implique d'évoquer le grand Autre barré, je suis d'accord avec l'impossible de tout dire; cette expérience d'échec ou de perte, articulée à la femme, conduit à une logique de langage poétique et imparfait, intentionnellement ou non, qui est brodé du savoir y faire avec le Réel. De même que Lacan somme chaque psychanalyste de réinventer la psychanalyse en tenant compte du Réel, de l'inconsistance et de la féminité, non sans les autres; nous concluons ce travail en évoquant une lecture-écriture, pastout de femme, dans la jouissance du malentendu.

Mots-clés :

Pastout phallique jouissance ; Femme ; Malentendu ; Littérature ; Ecriture.

Freud transgride a ideia de que o analisante sofreria da ignorância da causa de seu sofrimento. Se assim fosse, bastaria fornecer-lhe explicações. “O fator patogênico não é a ignorância em si, mas o fato de ela se fundamentar em resistências internas, que inicialmente a provocam e a sustentam” (Freud, 1893-1895/2013, p. 330). Antes de tocar nisso, o analista necessita de técnica, teoria e prática, para que o analisante minimamente se avizinha de possíveis causas reprimidas de seu sofrimento, e estabeleça uma transferência com seu analista.

Lacan (1973b/2003) dá mais voltas nisso: afirma a ignorância como função de pivô da transferência (associada a amor e ódio), motor para o tratamento, pois desvela que há um impossível de dizer, equívoco e recalque. A ignorância lança-nos além binariedade imaginária entre saber ou não saber, amar ou odiar, situando-se como uma realização do simbólico (rS). Uma lógica em que o significante se sustenta entre dentro e fora do sentido, negativamente internamente a potência imaginada de saber dizer todo o real. Isso é o que se constata na experiência de uma análise: o saber é de não sentido, e passa pelo gozo não todo fálico, diz Lacan.

Articulando língua e psicanálise, arte e ciência, diz Milner que o impossível é agramatical. Para Milner, linguística é ciência; e gramática é “arte de amar” a língua, em que o impossível (Real de Lacan) não se inscreve. “A psicanálise dispõe, aí, de uma única intervenção válida: enunciar que, em matéria de língua, a ciência possa faltar” (Milner, 2012, pp. 7-8). *Lalíngua*, a língua do inconsciente, para Milner, não se representa pelo cálculo em que se sustentam as ciências. Então, para escrever o que não se inscreve, *lalíngua*, sem se aprisionar pelo cálculo, pelo controle, nossa aposta é na lógica *nãotoda*, que sustenta a impossibilidade de ler e escrever tudo.

Milner (2012, pp. 8-10) alerta sobre o “preconceito moderno por excelência”, de que tudo o que é válido só possa ser científico. Mas tranquiliza: “Assim, cálculo por cálculo [científico], vai se construir a rede do real, tendo como único princípio de investigação o impossível — leia-se, aqui, o agramatical. O surpreendente é que isso seja exequível.” A ciência linguística sustenta-se em um real não saturado, percorrido por falhas. Como o dito do analisante, o discurso da psicanálise e nossa leitura de Lacan. Falha, subjetiva, mais problematizando do que afirmando.

Tortuosas veredas levam também uma mulher a escolher textos literários de outras mulheres, crias mestiças de terras brasileiras, para apreciação da noção de *nãotodo*. Surte efeitos descolonizadores ocuparmo-nos de nossa língua-mãe neste trabalho, cuja noção de feminilidade vem da psicanálise de sotaque francês. O *savoir-y-faire* de Lacan, ou *traquejo* com o real, como escolhemos traduzir, segundo Garcia e Rinaldi (2014), articula inconsciente e forma de gozo única, vinculada a como o sujeito incorpora sua língua-mãe. No *Encore*, Lacan (1972-1973/2010) fala do gozo do saber, que condiciona a um grande investimento necessário, do qual *resulta* o sujeito (do inconsciente), possibilitando o gozo de um saber *nãotodo*. Vejamos:

O sujeito resulta de que ele deva ser aprendido (*appris*), esse saber, e mesmo avaliado (*mis à prix*), ou seja, é seu custo que o avalia, não como valor de troca, mas como de uso. O saber vale exatamente na medida em que ele custa *beau-coup* (muito) — escrevam *beau-coût* (belo custo) — porque se tem de deixar aí a própria pele, pois é difícil. Difícil de quê? Pois bem, menos de adquiri-lo do que de gozar dele. (Lacan, 1972-1973/2010, p. 192)

É mais fácil adquirir saber do que gozar dele nos enlaces, com relances de Real. Há leituras que produzem experiências corpóreas: frio na barriga, arrepio no coração, aquecimento da pele, rubor, arrebatamento que arranca os olhos do texto para a vida. Candura des-inocente, honestidade madura. Algo de brisa fresca se articula ao *nãotodo*, como depois do temporal de circunvoluções na análise pessoal. Uma produção de subjetividade que abre-alas para o contato com Real.

“Posso não ter sentido mas é a mesma falta de sentido que tem a veia que pulsa” (Lispector, 1973/1993, p. 18). Belo custo, diz Lacan.

Produzindo-se escrita, produz-se linguagem. Um discurso merece ser introduzido por suas circunstâncias, pois traz delas a marca. Algo pode soar redundante enquanto informação, mas na fala será ressonância. E, se “não há metalinguagem” (Lacan, 1953/1998), a escrita como ato de linguagem se utiliza de conceitos preestabelecidos, para ficcionar. Emersão processual evocante de gozo não todo fálico.

Na evocação não toda, temos uma escrita de (in)sondáveis vãos, brechas ao Real situadas pelo significante, que marca ausência. Como o falo, tido por Lacan (1958/1998) como “significante da falta”, que organiza imaginária ou simbolicamente a estrutura do sujeito. Essa ausência se faz presente no processo de ler para escrever, para ser lido (mesmo que por si mesmo), o que passa por morrer como autor. Barthes (1968/2004) diz que só quando acaba a ambição de autoria há espaço à leitura. Uma escrita como carta de amor-te. Faz lembrar o que diz Freud sobre abrir mão do *furor curandis* para escutar na clínica. Então, uma leitura não toda é a que evoca esse gozo. Descoloniza, descanoniza, flutua análoga à escuta flutuante, sem perder a crítica.

Em termos materiais, é importante ler escritoras mulheres, uma vez que o mundo dos escritos foi historicamente colonizado por uma maioria de homens que, nada veladamente, se fechavam ao que produziam mentes e corpos-mulheres. Mais além, em psicanálise, interessa-nos uma leitura não toda, que não busca apenas o entendimento, mas também uma transmissão de algo do inconsciente que passa pela escrita lida. Se o analista precisa do não todo para sua escuta clínica, precisa dele também para suas leituras. A discussão sobre a noção de escrita feminina é longa e conflituosa. Alguns usam o significante feminino apenas como predicativo de algo que provém de um corpo biologicamente reconhecido como de mulher, fêmea. Essa não é a única leitura possível para os significantes mulher e feminino. Por eles passa também, em nossa leitura, o que diz respeito a \bar{A} mulher, de Lacan. A mulher como uma posição, um modo de gozo com o inconsciente, que toma a si mesma e ao Outro como barrado. É por essas veredas que desliza a ideia de uma escrita ou uma leitura d’ \bar{A} mulher, que pode sobrepor-se ou não ao acontecimento literário proveniente de um corpo-mulher.

O significante negativo como dobradiça

Se chegamos à ideia de leitura e escrita não toda, é porque vimos que para Lacan \bar{A} mulher não existe como categoria, conjunto ou consistência; que a grafia \bar{A} representa o grande Outro (*Autre*) barrado, mulher em sua dimensão de semblante, não toda fálica em sua lógica e gozo. Articulemos agora a questão do texto lido e escrito ao não todo, tomando o significante negativo como dobradiça. Come-

emos pela questão do significante. Conforme Roudinesco (1988, pp. 323-324), Ferdinand de Saussure nomeia de significante a imagem acústica; de significado o conceito; e de signo linguístico a relação entre significante e significado em um sistema. O signo tem uma dimensão negativa, na medida em que seu valor só resulta da relação com os outros na língua. A significação é deduzida do vínculo entre significado e significante. Lacan interpreta a segunda tópica freudiana à luz da linguística pela problemática do signo: inverte a formulação saussuriana, que situava o significado acima do significante, separados pela barra da significação. Para Lacan, ao significante, àquele que equivoca o sentido, cabe a posição primordial; e toda significação remeterá a uma outra, pois o significado desliza sem cessar sob o significante, que tem primazia. Ambos são isoláveis. Lacan nomeia o significante de letra, palavra-símbolo, sem significação imediata, mas que destina o inconsciente do sujeito, não assimilável pelo eu (imaginário) mas dividido, conforme a *Spaltung* freudiana.

Nessa perspectiva, o sujeito não é pleno, mas representado pelo significante, letra do inconsciente que se inscreve nãotoda na linguagem. Ora, desde Freud o eu não é senhor em sua morada, mas investido pelo id. Esse sujeito dividido é representado pela cadeia de significantes, em que o enunciado não corresponde à enunciação. De um significante a outro, no interior da cadeia, somos determinados pela linguagem de uma língua que fala por nós. Os significados deslizam sem cessar, insatisfeitos, sob a pele dos significantes. Lacan troca o *Cogito* cartesiano pelo *isso fala* freudiano. Não sem a divisão do sujeito (causada pelo *Cogito*) entre saber reflexivo e verdade recalcada. O inconsciente é efeito da linguagem.

Assim, podemos pensar nos termos de uma leitura que consente com a lógica nãotoda, pois acontece desde a posição fálica do *Cogito* (referida ao falo, portanto à castração), mas sabe-se incompleta. Uma leitura que supõe no texto lido um grande Outro barrado, e não tesouro de significantes. Que sabe, com Barthes (1968/2004), que o autor está morto, se a leitura está em curso. A leitora nãotoda, então, põe-se a criar com o que lê, pois o texto não lhe fornece tudo. Desse modo, ler seria permitir que algo do texto se grafe na bio da leitora. Se isso que se grafa produz marca, algo se inscreve. Pode-se falar d'Isso. Talvez advenha, depois da leitura, uma escrita nos termos palavreiros, sintáticos. Mas algo escapará.

Sobre essa escrita, com Barthes (1968/2004) Duras (1993/2021, p. 39) concorda: “é o livro que avança (...) rumo a seu próprio destino e o de seu autor, então aniquilado por sua publicação: sua separação dele, do livro sonhado, como do filho caçula, sempre o mais amado. Um livro aberto é também uma noite”. Duras (1993/2021, p. 39) escreve: “apesar do desespero. Não: com o desespero. Que desespero, não sei dizer, não sei o nome disso”. Ao mesmo tempo que se sente abrigada por essa noite, esse desespero. E diz por que quer isso: “estar sozinha com a

escrita ainda não explorada. É tentar não morrer” (Duras, 1993/2021, p. 41). Marca-se algo que podemos associar ao nãotodo sobre essa escrita feminina de que falamos aqui: “A escrita jamais teve referência alguma, ou então ela é... Ela é ainda como no primeiro dia. Selvagem” (Duras, 1993/2021, p. 41). E em uma báscula, do abrigo retorna ao abandono, sugerindo que abriga-se no próprio abandono: “é sempre a porta aberta para o abandono. O suicídio está presente na solidão de um escritor. (...) um preço a pagar por ter ousado sair e gritar” (Duras, 1993/2021, p. 42). Enquanto escrevi isso, cometi um ato falho de escrita. Digitei “grutar” em vez de “gritar”. Depois de corrigir na citação, avanço de próprio punho: *grutar* é ato de escrita durasiana que grita gutural, rompe a noite escura de gruta e põe no ar, areja, não sem o peso da escuridão, os custos da solidão.

Podemos pensar essa escrita também como processo para deslizar ao nãotodo, não calculadamente. Roudinesco (1988, p. 42) nos lembra que “Freud observou com freqüência que muitas de suas histórias de doentes se assemelhavam a verdadeiros romances”. Lembra também o processo de André Breton, em *Nadja*, história em que o narrador-psiquiatra, não conseguindo curar a paciente, renuncia à psiquiatria, por se identificar à louca. Pelo relato autobiográfico, o narrador acede a uma posição que discorda da norma médica em vigor, propondo outra coisa, uma prática da política nãotoda, como nos traz Quinet (2021). Roudinesco (1988, p. 42) associa *Nadja* à categoria de romance de formação, ou *Bildung*, dos alemães. Nele, Breton diz da recusa à psiquiatria como à tentação das “pompas” e das “obras” do alienismo. “A louca lhe permite aceder a seu desejo de escrever e de tornar realidade aquela beleza convulsiva com que havia sonhado ao contemplar a iconografia da Salpêtrière” (Roudinesco, 1988, p. 42). Trinta e cinco anos depois da publicação, Breton acrescenta a *Nadja* uma nota sobre sua relação com a tradição médica abandonada, de cujo interior sua escrita foi forjada em novo estilo narrativo. *Nadja* é história de um fracasso no tratamento por meio de um êxito narrativo.

A semelhança entre ficção e realidade levou alienistas da época a tomarem *Nadja* como relato verídico de caso clínico, criticando violentamente Breton, que respondeu à altura. Segundo Roudinesco (1988, pp. 42-43), Breton repreende a perícia médico-legal; o Código Penal, que afirma o louco como “filosoficamente incompreensível”; e a utilização abusiva pelos psiquiatras da ideia bleuleriana de autismo, para condenar a não adaptação a condições de vida social. Breton condena esse saber psiquiátrico que o ataca e defende sua escrita d’A mulher.

Cixous (1975/2022), que convoca a uma “escrita feminina”, da qual as mulheres foram afastadas, assim como de seus corpos, diz tanto da mulher corpo quanto da mulher posição, sem confundir biologia e cultura, a partir de uma história real em que às mulheres e ao que as representa foi atribuído o destino de inamovibilidade. Duras com seu *Escrever*, Llansol com *Um falcão no punho* e Lispector com

Água viva trazem escritas não lineares, entram na catástrofe e na sombra mesmo com medo, e revelam a fotografia limitada de seu mergulho enquanto seguem nadando. Escritas errantes, que se lançam em mar aberto de início, sem saber onde vão dar. Escrevem mulheres amantes, que gozam por gozar, sem servir a nada. Essas penas triunfantes, que ao mundo levam o novo espaço do entre, antes temido, por elas habitado sem colônia.

Descolonizando leitura e escrita

Tomamos aqui a noção de descolonização para pensar psicanálise, literatura, leitura e escrita. Descolonizar é atualmente um termo em construção. Jardim (2018) discerne a noção de descolonial da noção de anticolonialidade do saber. Nós, psicanalistas, situamo-nos (ainda!) nesse território pautado pela lógica colonial: trabalhamos hegemonicamente com referências europeias e europeizantes. Será possível para nós a anticolonialidade? Podemos trabalhar para descolonizar, trazendo para junto de nós saberes locais, ancestrais, de nosso povo? A partir de Nego Bispo, intelectual quilombola do Piauí, Jardim retoma que a contracolonização dificilmente será feita por quem está formado na matriz intelectual colonial. Mas podemos trabalhar para descolonizar e pensar além descolonização. A contracolonização acontece pelo corpo, na gramática do ritmo, da exposição ao saber pela presença, do que ainda não podemos nomear, por parte dos que falam em nome das *epistemes* do sul, povos e comunidades do Brasil, que são muitos, oriundos de matrizes indígenas e africanas. Eles assumirem espaços de transmissão, terem suas produções entre as listas de referências teóricas é o que vai compor a *episteme* anticolonial. Não é tão frutífero apenas falarmos sobre eles. Faz parte, é avanço, certamente, tem havido muita publicação a esse respeito, que alimenta o mercado editorial, na intenção de descolonização. Mas falar sobre não pode ser confundido com contracolonização. É, no máximo, prática iniciadora de intenção descolonial.

Retomando, trabalhar entre psicanálise e literatura implica que um campo pode assumir o outro como furado, enlaçando-se pelos furos, em uma práxis parceira e descolonizadora. Assim como os feminismos tomam a psicanálise como furada, e vice-versa, a literatura diz o que a psicanálise não pode dizer, e vice-versa. Desvelam-se, assim, furos que barram empuxos monolítico-reprodutores de leituras canônicas. Não estudamos sem os cânones, mas avançando e recuando dinamicamente para além e aquém deles. Conceição Evaristo (2011, p. 6) faz um caminho para isso em sua tese de doutorado, que compara a escrita afro-brasileira e a angolana, privilegiando leitura intertextual de enunciados, processos de criação na linguagem, apropriação das tradições afro-brasileira e africana e sua reinvenção na enunciação dos poetas, agentes de povos que sofreram colonização

e escravização. É à luz negra que Evaristo cunhou o termo “escrivivência”, descrito no artigo publicado como fruto de sua dissertação de mestrado como um jogo entre as palavras “escrever, viver, escrever-se vendo e escrever vendo-se”. “Não era para adormecer a casa-grande, e sim para acordá-la de sonos injustos” (Evaristo, 2009, p. 17). Resume ainda que se trata de veiculação do texto literário negro como resistência à violação e à interdição que vigoram socialmente, imprimindo novas marcas na nação brasileira.

Vai por essa via também o que propõe Mariléa de Almeida (2022) com o protagonismo ético-político de mulheres negras: ato libertário, ferramenta na contramão do crioulo doido e da nega maluca, antilógica binária dominadora. Elementos para um traquejo feminizante, posição quilomba norteadas pela práxis comunitária. E, voltando à psicanálise, por falar em efeito feminizante, como o que Lacan nomeia ser o da carta roubada, mesmo em nosso campo sabemos haver ainda hoje apagamento da letra da mulher e da negritude. O fenômeno de quase não vermos o nome de Virgínia Bicudo no âmbito das formações em psicanálise revela a repressão. Por que sua produção fora excluída? O que fazer com isso, e como?

Uma reflexão crítica em torno da psicanálise brasileira também sustenta a escolha do chacoalhão amoroso de Clarice Lispector e sua escrita na língua-mãe — e não na língua inglesa de Joyce, por exemplo —, que nos possibilitou acessar algo da noção de nãotodo articulado à questão da linguagem. Ainda que Clarice fosse branca e privilegiada, era nãotoda privilegiada. Judia, exilada, perseguida pela ditadura, incompreendida por muitos, advertida de seus privilégios em uma época em que sequer existia essa expressão como algo corrente na cultura, como temos hoje.

A função poética está a serviço da prática da leitura e da escrita, referindo-se ao que já sabemos que Freud dizia dos escritores e artistas: estão muito à frente da psicanálise. O que isso significa? Além do fato de que literatura e artes estão no mundo produzindo saber há mais tempo que a psicanálise, seria possível inferir que um escritor é mais livre que um psicanalista em seu fazer, apesar de toda a técnica envolvida nos dois ofícios? Parece-nos que um psicanalista, ao precisar de uma construção teórica que sustente sua prática, corre mais riscos de encabular-se nas rédeas do discurso do mestre do que um artista. Analisar os porquês disso levaria a outra investigação. Vejamos como a função poética se articula ao dito freudiano de que escritores e artistas estão à frente da psicanálise.

Tomemos *Água viva*, de Lispector (1973/1993), e *O riso da medusa*, de Cixous (1975/2022), para discutir a política da leitura e da escrita em psicanálise. Ambas teorizam de modo crítico a escrita literária enquanto desdobram em ato sua arte. Cixous faz mais veementemente, em forma de ensaio. Clarice nomeia sua escrita de “novela” e mistura teoria crítica e prática literária em um texto que escapa às categorias, tendo sido rotulado pela opinião pública como ficção, romance, auto-

biografia ficcional e romance confessional. Fato é que sua prosa poética é crítica em ato, com voz narrativa em primeira pessoa e personagem que pode muito bem ser interpretada como autobiográfica, como veremos a seguir, ainda que nunca em sua totalidade. Lispector (1973/1993, p. 5) mantém-se solta: “gênero não me pega mais”. Os questionamentos sobre escrita em ambos os textos podem ser es- cutados também como escolha política, já que a arte tem sido mais penetrante nas camadas sociais do que a psicanálise. A arte tem poderes de explodir os muros do cientificismo, da academia, e ser contemplada por qualquer pessoa que deseje esse contato. Em meio ao calor da literatura, escrevendo a temperaturas cálidas ou fervilhantes, podemos falar de teoria, alcançando mais pessoas.

Podemos ser parcialmente livres em nosso estilo na escrita da psicanálise, pois há necessidade de alcançar as pessoas, como Freud no tempo em que des- bravava o novo campo. Ainda que tanto mais alcançamos o leitor quanto mais advertidos da parcela necessária de morte da pretensão de autoria; levando a menos repressão e mais do Isso escorrendo sorrateiro pela escrita. Sobre *litura*, há um ponto de radicalidade comum entre Lacan (1972/2003), na ode à “pu- blicação”, e Barthes (1968/2004), que afirma que, quando um fato é contado para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre a realidade, produz- -se um desfasamento com a perda da origem da voz, fazendo com que o autor entre na morte e a escrita comece. O que, por sua vez, nos faz lembrar a hiân- cia, o “não há relação sexual”. Essa mesma que Lacan afirma, em *Nota italiana* (1973a/2003), precisar da escrita como experiência para se constatar o fato de não se escrever. Esse desfasamento a que se refere Barthes (1968/2004) torna a escrita um oblíquo para onde se perde a identidade, a começar pela do corpo que escreve. Só assim a escrita pode começar. O autor abandona-se, para deixar seus restos a um outro totalmente desconhecido.

O curioso é que Barthes (1968/2004) inicia “A morte do autor” citando o Balzac da novela *Sarrasine*, mencionando um castrado disfarçado de mulher e interro- gando se Balzac estaria aqui desenvolvendo uma filosofia da mulher ou ideias lite- rárias sobre a feminilidade. São associados à mulher medos súbitos, caprichos sem razão, perturbações instintivas, audácias sem causa, bravatas e deliciosa delicade- za de sentimentos (Balzac citado por Barthes 1968/2004). Barthes (1968/2004) parece evocar essa figura balzaquiana de mulher, para fazer furo em idealizações de autoria literária. E é crítico: situa histórica e criticamente a noção de autor como personagem produzida pela sociedade moderna, já que, ao fim da Idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma Protestante, descobriu-se o prestígio pessoal do indivíduo. Na literatura, então, o positivismo é desfecho da ideologia capitalista, que termina por conceder grande importância à *pessoa* do autor. Para a qual, a seu ver, a crítica literária contribui,

ao mitificar hipóteses de que, ao fim e ao cabo, mesmo nas ficções, o autor estaria nos entregando suas confidências, fazendo valer infinitas investigações e intrigas sobre sua biografia, seja com fins mercadológicos, seja por pura imprudência em lidar rigorosamente com a riqueza da escrita.

Fica bem situado por Barthes (1968/2004) que diversos escritores vêm tentando abalar tal mitificação. Como exemplo, ele cita Mallarmé, a quem atribui ser o primeiro a prever a necessidade de priorizar a linguagem em detrimento de seu suposto proprietário. A própria Clarice equivocava sobre si em entrevistas, evitando-as ao máximo. Temos hoje Elena Ferrante, pseudônimo cuja real identidade o público desconhece, autora de diversos romances contemporâneos que articulam narrativa ficcional e crítica literária. Para Barthes, Mallarmé, Clarice, Ferrante e para nós, a linguagem fala muito mais alto que o autor. Ainda que haja o estilo ou a marca, há certa impessoalidade na linguagem, que não se confunde com a objetividade castradora do romancista. Assim, é a linguagem que atua, e não o eu. Barthes lembra que a poética de Mallarmé suprime o autor em proveito da escrita: precisamente o que restitui o lugar do leitor. Evoca a morte do autor e do eu para fazer valer a escrita, o resto. Partilhamos desse olhar, na medida em que não é a biografia que está em jogo, e, sim, a escrita, o que se escreve e o impossível de se escrever. E estamos com Lacan no que diz respeito à necessidade da escrita para fazer valer a relação sexual que não se escreve.

Uma das menções de Lacan (1972-1973/2010, p. 16) à não existência da relação sexual ocorre a partir da equivocação demonstrada com *(a)mur*, que condensa amor e ao muro, às paredes, quando se dá conta de que poderia estar falando sozinho, à capela. Uma transmissão escrita da equivocação como despojamento do controle. A forma da transmissão dizendo de seu conteúdo. Como não há relação sexual, “o amor é fazer Um” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 16), ainda que não o faça. Mas, se “o gozo do Outro, do corpo do outro que O simboliza, não é signo de amor” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 15), então é o amor que fará suplência à não relação sexual. Não é o gozo do Outro que fará essa suplência. Isso é o que a noção de gozo não todo fálico parece representar, pois tem em seu horizonte o impossível de se inscrever, a não relação sexual, a hiância. Mas o gozo não todo não necessariamente corresponde à experiência do amor como suplência à relação sexual que inexistente. Trata-se da evocação da equivocação.

Tomamos aqui a escrita como possibilidade de sustentar o que ainda restará impossível de se dizer e compartilhar com o outro. Permitimos, assim, que se construa algo a partir de nossos restos, riscos, com as iscas que, uma vez lançadas, não mais estarão sob nosso fazer. Despojamento, entrega de parte de nós ao Outro, não como miragem de fusão, mas como forma de lida com a castração. Também tomamos a escrita como forma de tratamento do impacto que leituras

antes causaram, produzindo experiência (*Erfahrung*³) e consequente elaboração em saber (S₂). São motivações do diálogo da psicanálise com a literatura desde Freud e Lacan.

Sobre inconsciente e literatura, Freud (1907/2015) tomava a segunda como algo que sustenta o não saber. Há efeito do texto no leitor, ainda que escritores não saibam explicar como o causam: “não seria a arte que não resistiria a um exame científico, mas a ciência que não resistiria à criação do escritor” (Freud, 1907/2015, p. 45). Para ele, arte e psicanálise “bebem da mesma fonte e trabalham com o mesmo objeto, embora cada uma com seu próprio método” (Freud, 1907/2015, p. 76); escritor e psicanalista compreendem o inconsciente da mesma forma. Escritores criativos seriam valiosos aliados (da psicanálise como campo e do psicanalista como praticante), cujo testemunho precisa ser tomado em alta conta. Freud (1908/2015) associava o fazer do escritor ao brincar infantil, à construção de um mundo de fantasia levado a sério e diferenciado da realidade, como na *poiésis*.

Em *Encore*, Lacan (1972-1973/2010, p. 91) dizia: “ao escrever *Escritos*, era precisamente isso que eu pensava (...) que eles não eram para ser lidos”. E que “no discurso analítico só se trata disso, do que se lê, do que se lê para além do que vocês incitam o sujeito a dizer (...) não é tanto a dizer tudo, mas a dizer não importa o quê”. Pois é “uma dimensão essencial do discurso analítico — dizer tolices”. Podemos aqui notar a incidência de algo que toca a questão do não-todo. Não é do todo que se trata no discurso analítico. É do Real, que extrapola à compreensão. Assim como os *Escritos* “não eram para ser lidos” no sentido habitual de leitura: “talvez não seja de modo algum a mesma coisa ler uma letra ou ler”. Ainda nessa mesma página do *Encore*, Lacan nos lembra que chamou os *Escritos* de *poubellication*, uma condensação entre *poubelle* (lixeira) e *publication* (publicação). A mesma menção se encontra em *Lituraterra* (1972/2003): o escrito, ao mesmo tempo, é um resto da experiência e também deixa restos; nunca se pode escrever tudo. Há sempre algo que insiste em não se escrever. O “não eram para ser lidos” contém também a noção de que, assim como nem tudo se pode escrever, nem tudo se pode ler.

Por selváticas veredas, a palavra fica às voltas, quer bordejar o Real, que escapa pelas brechas hiantes da *moterialité*.⁴ Esforço. No percurso em direção a um saber, o Real não se contém. O que bordeia faz bordado. Experiência estética do impossível de dizer entre os ditos advertidos de falha. A bordo do limite de precipício, avistamos avessos que interessam.

3 *Erfahrung*, geralmente traduzida apenas como “experiência”, pode também significar “conhecimento adquirido mediante experiência” (nota de rodapé do tradutor em Freud, 1925/2011, p. 285).

4 *Moterialité* é a condensação de Lacan em francês entre *mot*, palavra; *matérialité*, materialidade; e *mobilité*, mobilidade.

Referências bibliográficas

- Almeida, M. (2022). *Devir quilomba*. São Paulo: Elefante.
- Barthes, R. (2004). A morte do autor. In R. Barthes. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1968)
- Cixous, H. (2022). *O riso da medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. (Trabalho original publicado em 1975)
- Duras, M. (2021). *Escrever*. Belo Horizonte: Relicário. (Trabalho original publicado em 1993)
- Evaristo, C. (1996). *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação de mestrado. Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Brasil.
- Evaristo, M. C. (2009). Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, 13(25), 17-31.
- Evaristo, M. C. (2011). *Poemas malungos: cânticos irmãos*. Tese de doutorado. Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense. Niterói, Brasil.
- Freud, S. (2011). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2013). Sobre psicanálise selvagem. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 2). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Freud, S. (2015). O delírio e os sonhos na gradiva de W. Jensen. In S. Freud. *Obras completas* (P. C. Souza, Trad.) (Vol. 8). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1907)
- Freud, S. (2015). O escritor e a fantasia. In S. Freud. *Obras completas* (P. C. Souza, Trad.) (Vol. 8). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908)
- Garcia, M. M., & Rinaldi, D. L. (2014, janeiro-junho). Poesia e psicanálise: o savoir-faire de Jacques Lacan. *Revista Affectio Societatis*, 11(200).
- Jardim, R. M. M. (2018). *Educação intercultural e o projeto encontro de saberes: do giro decolonial ao efetivo giro epistêmico*. Tese de doutorado em ciências sociais. Universidade de Brasília. Brasília, DF. Brasil.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (1998). A significação do falo. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (2003). Lituraterra. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (2003). Nota italiana. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1973a)

- Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1973b)
- Lacan, J. (2010). *Encore*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lispector, C. (1993). *Água viva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1973)
- Milner, J.-C. (2012). *O amor da língua*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Quinet, A. (2021). *A política do psicanalista: do divã para a pólis*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs.
- Roudinesco, E. (1988). *História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos. 1925 a 1985* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Zahar.

Recebido: 01/12/2022

Aprovado: 15/12/2022